

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa

**IV Seminário Internacional do
Grupo de Estudos de Línguas em Contato**

Programa e Caderno de Resumos

Realização Grupo de Estudos de Línguas em Contato
Apoio Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa

GELIC

www.fflch.usp.br/dlcv/lport/gelic/

gelic.usp@gmail.com

IV Seminário Internacional
Grupo de Estudos de Línguas em Contato
Universidade de São Paulo

Programa do Evento

4 de dezembro

8h30 Conferência

Linguagens rituais: exemplares de 'fósseis linguísticos' – cotejando dados entre as comunidades de Jurussaca (PA, Brasil), Tremembé (CE, Brasil) e da Ilha de Ano Bom (Guiné Equatorial)

Walkíria Praça wlkr@uol.com.br

Universidade de Brasília

Márcia Santos Duarte de Oliveira marcia.oliveira@usp.br

Gabriel Antunes de Araujo g.antunes@usp.br

Universidade de São Paulo

10h-10h30 Intervalo

Comunicações: sessão 1. Debatedora: Prof. Dra. Beatriz Protti Christino

10h30-11h Ana Maria Carvalho
University of Arizona
Varição e contato: Continuidades sociolinguísticas na fronteira Brasil-Uruguai

11h-11h30 Sabine Gorovitz
Universidade de Brasília
Brasileiros na Guiana francesa: misturas de línguas em interações familiares

11h30-12h Suzana Vinicia Mancilla Barreda
Universidade de São Paulo
As línguas em circulação como marcas identitárias no comércio da fronteira Brasil – Bolívia

12h-14h Intervalo

Comunicações: sessão 2. Debatedora: Prof. Dra. Flaviane Svartmann

- 14h-14h30 Sarah Loriato & Edenize Ponzo Peres
Universidade Federal do Espírito Santo
Realização do /r/ na fala de descendentes de imigrantes italianos na zona rural de Itarana, ES
- 14h30-15h Katuscia Sartori Silva Cominotti
Universidade Federal do Espírito Santo
A realização da vibrante pelos descendentes dos imigrantes italianos de São Bento de Urânia, Alfredo Chaves
- 15h-15h30 Sílvia Ângela Pícoli Meneghel
Universidade Federal do Espírito Santo
Realização do ditongo nasal no falar dos descendentes italianos de Santa Maria do Engano – ES
- 15h30-16h Intervalo

16h Conferência

O(s) Português-Indígena e os estudos do contato linguístico
Beatriz Protti Christino bpchristino@yahoo.com.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

5 de dezembro

Comunicações: sessão 3. Debatedora: Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo

- 8h30-9h Julia Izabelle da Silva
Universidade Federal de Goiás
Avaliações de jovens indígenas sobre as mudanças na língua e na cultura Akwẽ
- 9h-9h30 Poliana Claudiano Calazans
Universidade Federal do Espírito Santo
Guarani e português: uma situação de contato em solo capixaba
- 10h-10h30 Bi Meng Yin
Universidade de São Paulo
O português falado por imigrantes chineses em São Paulo e a variação dos marcadores discursivos-conversacionais
- 10h30-11h Intervalo

11h Conferência

Crioulo de Cabo Verde: mecanismos de relativização e de interrogação
Nélia Alexandre nelialexandre@gmail.com
Universidade de Lisboa

Comunicações: sessão 4. Debatedora: Prof. Dra. Nélia Alexandre

- 14h30-15h Wânia Miranda & Maria de Lurdes Zanoli
Universidade de São Paulo
Estratégias de foco no caboverdiano: uma breve análise sobre as sentenças clivadas reduzidas
- 15h-15h30 Pollyanna Pereira de Castro
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Os verbos denominais no crioulo guineense
- 15h30-16h Eduardo Ferreira dos Santos, Ana Lúvia dos Santos Agostinho & Moana de Lima e Silva
Universidade de São Paulo
Concordância de número e de gênero: aproximações entre o português de Angola, português do Príncipe e o português Kaingang
- 16h-16h30 Natali Gomes de Almeida Santana & Alan Norman Baxter
Universidade Federal da Bahia
O pronome de objeto indireto no português dos tongas, mais uma evidência de aquisição construtiva e transferência substratal em contexto de contato?
- 16h-16h30 Manuele Bandeira de Menezes & Shirley Freitas
Universidade de São Paulo
Processos morfológicos de formação de palavras no papiamentu
- 16h30 Encerramento

Resumos das comunicações

(em ordem alfabética do último sobrenome do primeiro autor)

AS LÍNGUAS EM CIRCULAÇÃO COMO MARCAS IDENTITÁRIAS NO COMÉRCIO DA FRONTEIRA BRASIL – BOLÍVIA

Suzana Vinicia Mancilla Barreda

suzanamancilla@usp.br

Universidade de São Paulo

O município de Corumbá, localizado no oeste do Estado de Mato Grosso do Sul, faz fronteira internacional com o município de Puerto Quijarro, localizado no Departamento de Santa Cruz no oriente boliviano. Este contexto fronteiriço constitui-se num cenário complexo onde a convivência de diversas culturas evidencia diferentes apreensões do contato existente nos aspectos sociocultural, econômico e linguístico, entre outros, entre os habitantes locais, que neste trabalho denominarei “bolivianos fronteiriços” e/ou “brasileiros fronteiriços” muito embora essa definição seja adotada apenas por alguns habitantes locais, uma vez que a fronteira pode ser interpretada ou vivenciada de diferentes formas e com diferentes percepções. É mister ponderar que a fronteira antes de ser um lugar de pesquisa é um lugar de viver, dessa forma, este pressuposto confere uma centralidade a esse lugar muitas vezes considerado marginal, limite, distante. Estudiosos como Grimson (2000, 2001) propõem estudar as fronteiras a partir das próprias fronteiras, dando destaque a sua ignorada centralidade. Com essa perspectiva, este trabalho propõe-se investigar as Atitudes Linguísticas (FASOLD, 1996) de falantes bolivianos residentes em Puerto Quijarro e seu distrito Arroyo Concepción, problematizando o uso e valoração das línguas que circulam nesse contexto, castelhano / quíchua / aimara/ português (PDM, 2007). Considerei a atividade comercial como vínculo relevante entre os entrevistados por dois motivos: o comércio é a atividade principal desenvolvida na área urbana dessa região; essa atividade propicia a aproximação e contato linguístico entre os entrevistados bolivianos e compradores brasileiros. Neste estudo é fundamental estabelecer um vínculo entre o território, como espaço fronteiriço, o lugar em que se realizam as práticas culturais que serão tratadas neste artigo e a identidade como um exercício de reconhecimento do outro (LARRAIN, 1994). Nessa fronteira, a identidade constituída pela língua materna não se limita ao círculo familiar, pois lá circulam outras línguas com diferentes valorações que podem provocar estranhamentos

e potencializar diferentes embates quando se pensa no sentido de ser estrangeiro ou de uma língua ser estrangeira. Este é outro aspecto relevante a ser discutido onde transitam diversas línguas estabelecidas historicamente, por exemplo, antes da consolidação limítrofe das fronteiras nacionais. Como afirma Stuart Hall (2003), “as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”. Com a finalidade de não homogeneizar a pluralidade implícita a um contexto complexo, Lahire problematiza os estudos sobre os públicos de cultura mencionando a proposta de Chartier que sugere inverter o tradicional estudo dos “públicos” ou “populações” e “partir dos objetos, das obras, dos códigos, das formas, dos dispositivos simbólicos, a fim de reconstruir as comunidades que deles se apropriam.” (Lahire, 2007, p. 796). O questionamento do autor parte da percepção de que os indivíduos podem fazer parte de diversos públicos, destacando o caráter individual que é relevante neste estudo. Inicia-se, assim, uma aproximação ao lugar da pesquisa, contextualizando espacial, cultural, linguística e economicamente a fronteira do lado boliviano. As percepções tratadas neste artigo compõem o corpus recolhido no Projeto de Pesquisa desenvolvido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Câmpus do Pantanal, “Estudos linguísticos na fronteira Corumbá – Arroyo Concepción - Atitudes linguísticas em contexto de fronteira”, realizado no período de agosto de 2011 a novembro de 2012, com subsídios do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. O instrumento de pesquisa no formato de questionário substituiu a proposta inicial de entrevista, esta mudança é motivo também de reflexão para a pesquisa apresentada. O questionário foi aplicado em dois centros comerciais, um localizado próximo à linha da fronteira com o Brasil e outro localizado a aproximadamente três quilômetros da linha de fronteira, os efeitos desse deslocamento apresentam resultados discutidos como naturalizações que dão margem a diversas interpretações. A relevância desta pesquisa está centrada na quase ausência de estudos linguísticos nesta região, seja no âmbito boliviano (onde está centrada esta pesquisa) ou brasileiro em território adjacente à pesquisa. Em levantamento bibliográfico encontramos estudos voltados à educação e ao ensino de línguas, com destaque para a pesquisa de Guidorizzi (2004) que investigou entre a população corumbaense o interesse / desinteresse em falar espanhol. Por outro lado, o *Atlas Sociolingüístico de Pueblos Indígenas en América Latina* (2009) apresenta visão muito geral desse espaço fronteiriço. Esse fato soma-se à quase invisibilidade que se percebe nas pesquisas desenvolvidas pelo Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços - UFMS, quanto à área mais próxima à linha de fronteira, denominada Arroyo Concepción. Com relação à pesquisa em si, há de se considerar também, que, devido ao grande fluxo de pessoas que circulam na região, os estudos sobre migração e de igual forma os estudos linguísticos, apresentam obstáculos e desafios quanto aos limites e possibilidades de fontes de

dados disponíveis (PERES, 2012). A fronteira *per se* potencializa aproximações e conflitos. Estudar o contexto linguístico é prioritário para poder discutir políticas públicas no ensino das línguas. A Bolívia está em uma etapa importante de reestruturação educativa, com o reconhecimento e inclusão no sistema educativo das *lenguas originarias* (BOLÍVIA, 2008), em seus respectivos territórios, mas, as línguas reconhecem ou limitam-se a territórios? Que efeitos tem um contexto multilinguístico como o da Bolívia em contato com um contexto monolíngue, como o de Corumbá?

Referências

ATLAS SOCIOLINGÜÍSTICO DE PUEBLOS INDÍGENAS EN AMÉRICA LATINA. Disponível em:

<http://www.proeibandes.org/atlas/>. Acesso em: 29 Jul. 2013.

BOLÍVIA. **Nueva Constitución Política del Estado**. Outubro 2008. Retirado de:

<http://www.patrianueva.bo/constitucion/>. Em 15 de mai. 2013.

_____. **Plan de Desarrollo Municipal de Puerto Quijarro**. Santa Cruz 2007.

FASOLD, R. W. **La sociolingüística de la sociedad**. Madrid: Visor Libros, 1996.

GRIMSON, Alejandro. **Pensar Fronteras desde las Fronteras**. Nueva Sociedad n.170.

Noviembre-Diciembre. Honduras, 2000.

_____. **Fronteras, Estados e Identificaciones en El Cono Sur**. In: Cultura y Transformaciones Sociales en Tiempos de Globalización. Argentina, Buenos Aires, Clacso, agosto de 2001.

GUIDORIZZI, C. A. de A. (2004): **O emprego do Espanhol na fronteira Brasil/Bolívia**, dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. SP: DP&A Editora, 2003, p. 47-63.

LAHIRE, B. **Indivíduo e mistura de gêneros: dissonâncias culturais e distinção de si**. Dados – Revista de Ciências sociais, Rio de Janeiro, vol. 50, nº 4, 2007. p. 795-825.

LARRAÍN, J. **La identidad latinoamericana: teoría e historia**, en Estudios Públicos No. 55, pp. 31-64. 1994.

PERES, R. G. Imigração de bolivianas na fronteira: desafios teórico-metodológicos. In **Imigração Boliviana no Brasil**. Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População- Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; UNFPA, 2012. Disponível em:

http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/bolivianos/livro_bolivianos.pdf.

Acesso em: 20 Mai. 2013.

**GUARANI E PORTUGUÊS:
UMA SITUAÇÃO DE CONTATO EM SOLO CAPIXABA**

Poliana Claudiano Calazans

polianazans@hotmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo

A história do Brasil, como hoje a conhecemos, é, em grande parte, uma versão dos fatos narrados pelos europeus que aqui chegaram no limiar do século XVI. Pouco se sabe sobre os povos que aqui habitavam. Ignora-se ainda grande parte da história, da cultura e da identidade dos habitantes pré-colombianos que hoje conhecemos como índios. Dos milhões de indígenas existentes em território brasileiro, estima-se que restam hoje cerca de 900 mil – segundo dados do último censo realizado pelo IBGE, dos quais aproximadamente 50 mil são pertencentes ao povo Guarani, de que se ocupa o presente trabalho. Grande parte desses Guarani que aqui vivem, contudo, é oriunda e/ou descendente de índios do Paraguai e da Argentina e se situa, principalmente, na faixa litorânea que vai desde os estados do sul até o território capixaba, o Espírito Santo. Este último, que já contava com tribos Tupinikins, recebeu os Guarani após sua caminhada mítica por volta de 1970. Caminhada esta que teve início em Pelotas - RS, sob a liderança do guia espiritual Tatantin Roa Eté em busca de uma terra revelada – a “Terra sem Males”. Os Guarani do Espírito Santo, hoje, estão todos concentrados em uma mesma área; são cerca de 250 índios vivendo em três aldeias vizinhas – Tekoá-Porã ou Boa Esperança, Três Palmeiras e Piraquê-Açu – distribuídas pelos dezenove mil hectares de terras indígenas demarcadas pelo governo. Apesar dessa presença massiva em nosso Estado, o povo Guarani permanece praticamente invisível a todos os capixabas; e isso se reflete também nos diversos campos do conhecimento. Em se tratando das pesquisas sobre a linguagem, por exemplo, pouco ou quase nada se tem pesquisado sobre o assunto. Apesar de estudos sobre línguas indígenas em contato serem frequentes em outros estados brasileiros e constantemente divulgados em sites de etnolinguística, esta é a primeira pesquisa que se propõe a analisar o contato entre as línguas guarani e português no referido território. Em vista disso, no intuito de suprir essa lacuna, o presente trabalho objetiva analisar: 1) os motivos que levaram à manutenção do idioma, uma vez que, para os tempos atuais, é quase um mistério entender como uma língua indígena tenha se mantido viva e com tanta força; 2) as consequências do contato entre o Guarani e o Português, analisando-se os fatores sociais aí envolvidos. Para alcançar esses objetivos, o banco de dados foi formado por meio de entrevistas sociolinguísticas coletadas na aldeia Piraquê-Açu (peixe grande), localizada no município de Aracruz às margens do rio de

mesmo nome. A aldeia é composta por oito famílias de índios e vizinha de outras duas aldeias Guarani que possuem em suas terras escolas indígenas e posto médico. A comunidade, como se verificou, é bilíngue e diglósica; tendo, como principal característica identitária, a língua Guarani. O questionário, em vista disso, versou sobre as tradições históricas, a família, a religião, a economia, a língua e o meio ambiente – temas estes considerados as principais armas de resistência desse povo. A análise tomou por base os pressupostos da Sociolinguística/Contato Linguístico, com teóricos como Weinreich (1953), Fishman (1968; 1972), Appel e Muysken (1996), Coulmas (2005) e outros, que discutem temas pertinentes à pesquisa em questão: o contato linguístico e a manutenção/substituição de línguas minoritárias. Entendeu-se, conforme o andamento da pesquisa, que, apesar do contato com o ‘branco’ na venda de artesanatos, da mídia, da atuação da escola e sua educação integralizadora prevista pelo Estatuto do Índio, o Guarani, em contraste com o Tupinikin, mantém a sua língua materna - ainda que estigmatizada - devido à forte religiosidade que norteia todo o seu modo de vida. Ele entende a palavra como um dom e confere a ela um poder mítico de conexão primordial com o mundo espiritual, daí a sua importância ser maior do que aquela dada à língua majoritária. Além desse, outros fatores foram detectados nas entrevistas, tais como o orgulho por sua história de luta para defender sua identidade étnica e sua independência e a rara ocorrência de casamentos exogâmicos/interétnicos, sendo também apontados no presente estudo como pontos fundamentais para a manutenção da língua indígena. Os Guarani reconhecem que a língua hoje falada pelos jovens e crianças difere da língua falada pelos mais velhos, mas entendem a importância de preservá-la limitando o uso da língua portuguesa (L2) ao contato com o branco. Tal entendimento é fortificado tendo como exemplo as aldeias Tupinikins vizinhas que têm o português como língua materna e estão em processo de resgate e revitalização de sua própria língua Tupi – extinta durante o governo do Marquês de Pombal. Por fim, tal análise se faz pertinente uma vez que coopera com os estudos que traçam o perfil da diversidade linguística no Estado – um estado multiétnico, que conta com a presença de pomeranos, alemães, holandeses, italianos, quilombolas, indígenas etc. - e serve como um aporte que favorece a preservação da língua materna Guarani, enquanto marca importante da cultura e identidade desse povo.

**VARIAÇÃO E CONTATO:
CONTINUIDADES SOCIOLINGÜÍSTICAS NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI**

Ana Maria Carvalho
anac@u.arizona.edu
University of Arizona

A pesquisa sobre o contato entre o português e o espanhol nas comunidades no Uruguai tem se concentrado na descrição linguística das variedades fronteiriças (desde Rona 1965 até os últimos trabalhos de Elizaincín 2002), e na sua distribuição sociolinguística (Carvalho 2003a, 2003b, 2004, 2006, 2007, 2010; Carvalho e Child, 2011; Hensey 1972; Pacheco 2013). Nesta apresentação, discuto os resultados de análises sociolinguísticas do português uruguaio falado nas comunidades bilíngues fronteiriças, ao longo da fronteira com o Brasil.

Primeiro, resumo as razões históricas que levaram à presença do português nessa região durante o período colonial, e o contexto social que permite a preservação do português como língua de herança nos centros urbanos. Logo, examino alguns fenômenos de contato e padrões sociolinguísticos que revelam continuidades com o português brasileiro oferecendo, portanto, uma perspectiva que se distancia da ideia de que uma nova língua é formada, uma variante híbrida resultado da mistura aleatória do português e espanhol (Lipski 2006, 2009, 2010, 2011, Marín 2001, Sturza 2004), a qual representaria uma ruptura com a variedade nacional. Ao discutir o repertório bilíngue e multidialetal na cidade de Rivera, apresento uma alternativa à ideia de um código único e misto, e enfatizo as contribuições que a perspectiva variacionista leva à análise de línguas em contato, nos moldes de Poplack (1993), Poplack e Levey (2010), Poplack *et al.* (2011), Poplack e Dion. (2012), Meyerhoff (2009), e Nady *et al.* (2012). Adiciono, ainda, o papel padronizante que os dialetos nacionais e monolíngues têm na evolução de variedades fronteiriças, revelando a importância de forças sociais e ideológicas na separação de sistemas linguísticos cognatos mesmo em situações de contato prolongado.

Mais especificamente, apresento resultados de três análises variacionistas sobre o português uruguaio: a vocalização da lateral palatal (traba[j]o, ‘trabalho’), a palatalização das dentais oclusivas ([dʒ]ia, ‘dia’, [tʃ]ia, ‘tia’), e a expressão de pronome sujeito (eu/ Ø vou). Essas análises, baseadas em entrevistas sociolinguísticas com bilíngues na cidade de Rivera, ao mostrar os condicionamentos tanto linguísticos como sociais da distribuição dessas variáveis, revelam semelhanças com o português brasileiro ao mesmo tempo em que apontam para claras divergências em relação ao espanhol uruguaio.

Referências

- Carvalho, A.M. (2003a). Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, 2, 125-150.
- Carvalho, A.M. (2003b). The sociolinguistic distribution of (lh) in Uruguayan Portuguese: A case of dialect diffusion. In S. Montrul & F. Ordóñez (Eds.), *Linguistic theory and language development in Hispanic Languages: Papers from the 5th Hispanic Linguistics Symposium and the 4th Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese* (pp. 30-44). Somerville, MA: Cascadilla Press.
- Carvalho, A.M. (2004). "I speak like the guys on TV": Palatalization and the urbanization of Uruguayan Portuguese. *Language Variation and Change*, 16(2), 127-151.
- Carvalho, A. M. (2006). Políticas lingüísticas do século passado nos dias de hoje. O dilema da educação bilíngüe no Uruguai. *Language Problems and Language Planing*, 30 (2), 149-171.
- Carvalho, A. M. (2007). Diagnóstico sociolingüístico de comunidades escolares fronterizas en el norte de Uruguay. In C. Brovetto, J. Geymonat, & N. Brian (Eds.), *Portugués del Uruguay y educación bilíngüe*. (pp. 49-98). Montevideo: ANEP.
- Carvalho, A. M. (2010). Contribuições da sociolingüística ao ensino de português em comunidades bilíngües do norte do Uruguai. *Pro-Posições*, 21 (3), 45-66.
- Carvalho, Ana Maria; Child, Michael. 2011. Subject pronoun expression in a variety of Spanish in contact with Portuguese. *Selected Proceedings of the 5th Workshop on Spanish Sociolinguistics*, ed. Jim Michnowicz and Robin Dodsworth, 14-25. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- Elizaincín, A. (1992). *Dialectos en contacto: Español y portugués en España y América*. Montevideo: Arca.
- Hensey, F. (1972). *The Sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan border*. Den Haag: Mouton.
- Lipski, John. (2006). "Too close for comfort? The genesis of portuñol/portunhol". In Face, Timothy & Klee, Carol. *Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla Proceeding Project. 1-22.
- Lipski, J. (2009). Searching for the origins of Uruguayan *Fronterizo* dialects: Radical codemixing as "fluent dysfluency". *Journal of Portuguese Linguistics*, 8(1), 3-44.
- Lipski, J. (2010). Spanish and Portuguese in contact. In R. Hickey (Ed.), *Handbook of language contact* (pp. 550-580). New York: Wiley-Blackwell.
- Lipski, J. (2011). Encontros fronteiriços espanhol-português. *Revista do Centro de Educação e Letras*. 13 (2) 83-100.
- Meyerhoff, Miriam. (2009). Replication, transfer and calquing: Using variation as a tool in the study of language contact. *Language Variation and Change*. 21. 1-21.

- Nady, Naomi G.; Aghdasi, Nina; Denis, Derek; Motut, Alexandra. (2011). Null subjects in heritage languages: Contact effects in a cross-linguistic context. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics. Selected Papers from NAWAV 39*. 17, 2, 135-144.
- Pacheco, Cintia. Pacheco, C. (Forthcoming). Primeiras reflexões sobre o português fronteiriço de Aceguá. *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*.
- Poplack, S. (1993). Variation theory and code-switching. In D.R. Preston (Ed.), *American dialect research* (pp. 251-286). Amsterdam: John Benjamins.
- Poplack, S., & Levey, S. (2010). Contact-induced grammatical change: A cautionary tale. In P. Auer & J.E. Schmidt (Eds.), *Language and space: An international handbook of linguistic variation (Volume 1: Theories and methods)* (pp. 391-419). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Poplack, S.; Zentz, L., & Dion, N. (2011). Phrase-final preposition in Quebec French: An empirical study of contact, code-switching, and resistance to converge. *Bilingualism: Language and Cognition*. 15 (2), 203-225.
- Poplack, S., & Dion, N. (2012). Myths and facts about loanword development. *Language Variation and Change* 24, 3.279-315.
- Marin, Marco. (2001). De lenguas y fronteras: el espanglish y el portuñol. *Nueva Revista de Política, Cultura y Arte*, 74: 70-79.
- Rona, Pedro. (1965). *El dialecto fronterizo del norte del Uruguay*. Montevideo: Adolfo Linardi.

OS VERBOS DENOMINAIS NO CRIOULO GUINEENSE

Pollyanna Pereira de Castro

pollyannacast@ig.com.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este trabalho tem o objetivo de descrever os tipos de verbos denominais no crioulo guineense (doravante CG), de acordo com o trabalho de Arad (2003), a fim de distinguir quais verbos derivam de raiz ou de nome.

Para Arad, a distinção entre palavras derivadas de raiz e de outras palavras é universal. Entretanto, essas manifestações podem diferir de uma língua para outra, como o Inglês e o Hebraico, por exemplo.

O Hebraico apresenta uma única raiz para formar vários nomes e verbos. O exemplo (1) mostra que a raiz *vbxn* é interpretada como a palavra inglesa *examine* em um ambiente CaCaC e já em um outro ambiente, hiCCiC, é interpretado como *discern*:

1.	<i>vbxn</i>		
	CaCaC (v) <i>baxan</i>	'test, examine'	
	hiCCiC (v) <i>hivxin</i>	'discern'	(Arad: 743)

Observe que o Inglês emprega duas raízes não relacionadas para expressar sentidos que no Hebraico apenas uma é necessária. De acordo com a investigadora (p.743), enquanto que os falantes de Inglês devem aprender duas ou mais raízes para cada ambiente, os de Hebraico aprendem duas interpretações que são atribuídas a uma única raiz.

Ao observar os dados do Hebraico, a autora usou critérios semânticos, morfológicos e fonológicos para distinguir as palavras formadas diretamente de uma raiz e as derivadas de uma palavra já formada.

Arad aponta que a maioria dos verbos hebraicos é formada a partir de uma raiz, mas há alguns que são estruturados de outras palavras. Esse fato acarreta em importantes diferenças semânticas. A derivação direta de uma raiz permite múltiplas interpretações. Já os formados a partir de um nome têm o sentido atrelado ao nome que o derivou. Os dados abaixo representam a derivação de nome e de verbo a partir de uma mesma raiz *Vsgr*:

2.	√sgr			
	CaCaC (v)	sagar	'close'	
	hiCCiC (v)	hisgir	'extradite'	
	CeCeC (n)	seger	'closure'	
	CoCCayim (n)	sograyim	'parentheses'	(Arad: 746)

De uma raiz pode-se ter vários significados, conforme se viu acima. A partir de um nome, como mostra o exemplo (3), a palavra derivada mantém o significado da palavra de origem:

3.	√sgr			
	miCCeCet	misgeret	'frame'	
	CiCCeC	misger	'to frame'	(Arad: 746)

Esse contraste pode não ser notado em línguas, como o Inglês, em que a raiz não atribui múltiplas interpretações. Para a autora, essa atribuição é um parâmetro das línguas, ou seja, é algo específico, ainda que a distinção entre raiz e nome seja universal. Embora não haja um traço morfológico expresso, é possível achar uma variação entre palavras derivadas de raiz e palavras derivadas a partir de outras palavras.

O Inglês, por exemplo, não apresenta uma morfologia disponível para determinar se um verbo é derivado de um nome. Nesse caso, Arad propõe que as evidências semânticas podem distinguir os verbos derivados de raiz dos verbos derivados de nome.

Os exemplos (4) mostram nomes e verbos derivados de uma raiz comum. Uma evidência para tal vem do fato de que os PPs instrumento não precisam ser cognatos. Já nos exemplos (5), o nome é derivado da raiz e o verbo é derivado deste nome. Neste caso, os adjuntos devem ser cognatos, uma vez que o significado do nome está embutido no significado do verbo derivado.

4. a. I paddled the canoe with a copy of the New York Times.
- b. String him up with a rope!
- c. She anchored the ship with a rock.
- d. He hammered the nail with a rock. (Kiparsky's 1982 example (14))

- 5. a. She taped the picture to the wall (*with pushpins/ with tape).
- b. They chained the prisoner (*with a rope/ with chain).
- c. Jim buttoned up his pants (*with a zipper/ with button)
- d. Screw the fixture to the wall (*with nails/ with screw).

(Kiparky's 1982 example (16))

(Arad: 756)

Em relação ao CG, de acordo com os dados coletados, observou-se que há verbos denominais que ocorrem nas formas analíticas, enquanto que no Português são expressos na forma sintética:

6. Português	CG
engarrafar	engarafa/ larga na garafa 'engarrafar'
ombrear	karga na onbra 'carregar nos ombros'
embolsar	pui na bolso 'carregar no bolso'
engavetar	pui na gaveta 'pôr na gaveta'
enlatar	pui na lata 'pôr na lata'
encaixotar	pui na kaxa 'pôr na caixa'
telhar	kubri ku tidja 'cobrir com telha'
ensaboar	unta ku sabon 'lavar com sabão'

Nos demais exemplos, seguindo a proposta de Arad, pode-se envolver uma raiz e um morfema categorizador ou um nome e um verbalizador. Caso o significado da raiz seja mantido, temos um nome acompanhado de um verbalizador. Se o significado não se mantém, então, é um caso de uma raiz e um morfema categorizador.

O exemplo (7b) é agramatical porque o verbo *skova* "escovar" não implica o nome *pinti* "pente", ou seja, o verbo não compartilha o mesmo sentido com o nome. Uma evidência é o fato de o verbo denominal quando ocorre com um adjunto, este tem o mesmo sentido do nome. Sendo assim, ele não pode ser derivado de uma raiz, e sim de um nome. Essa mesma explicação segue para o exemplo (8):

- 7. a. Maria skova kabelu ku skova
 Maria escovar cabelo com escova
 'Maria escovou o cabelo com a escova'

- b. *Maria skova kabelu ku pinti
 Maria escovar cabelo com pente
 ‘*Maria escovou o cabelo com a escova’
8. a. Ami pinsa nha sonbraselia ku pinsa
 Eu pinçar minha sobrancelha com pinça
 ‘Eu pincei as sobrancelhas com a pinça’
- b. *Ami pinsa nha sonbraselia ku tisoura
 eu pinçar minha sobrancelha com tesoura
 ‘*Eu pincei as sobrancelhas com a tesoura’

Seguindo esse raciocínio, o verbo *engarafa* ‘engarrifar’ parece ser derivado de raiz, visto que outros adjuntos podem ser licenciados sem estarem relacionados semanticamente:

9. a. Maria *engarafa* binhu **na garrafa**
 Maria engarrifar bebida na garrafa
 ‘Maria engarrifou a bebida na garrafa’
- b. Maria *engarafa* binhu **na vasu**
 Maria engarrifar bebida na vaso
 ‘Maria engarrifou a bebida no vaso’

No exemplo acima, como o verbo *engarafa* ‘engarrifar’ não pede um instrumento cognato, pelos testes, pode-se dizer que ele é derivado de prefixo *en-* + raiz e o verbalizador *a*. Já os demais, são formados de raiz, tendo *a* como vezinho:

- | | | |
|-----|---------------------|-----------------------|
| 10. | tranku ‘tranca’ | tranka ‘trancar’, |
| | parafusu ‘parafuso’ | parafusa ‘parafusar’, |
| | venenu ‘veneno’ | venena ‘envenenar’, |
| | purfumu ‘perfume’ | purfuma ‘perfumar’, |

O trabalho aqui proposto se faz relevante na medida em que oferece uma descrição das construções dos verbos denominais do CG, contribuindo, assim, para o estudo de uma língua crioula.

**A REALIZAÇÃO DA VIBRANTE PELOS DESCENDENTES DOS IMIGRANTES ITALIANOS DE
SÃO BENTO DE URÂNIA, ALFREDO CHAVES**

Katuscia Sartori Silva Cominotti

ksscominotti@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo

Esta pesquisa sociolinguística tem por objetivo principal descrever e analisar a influência do dialeto italiano na língua portuguesa falada pelos descendentes de imigrantes do distrito de São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES. Apesar da necessidade de pesquisas que retratem a linguagem usada nessas comunidades, que analisem o contato entre o português e a(s) língua(s) dos imigrantes e que tentem registrá-las – como prega o Decreto nº 7387/2010, sobre a Diversidade Linguística no Brasil –, pouco foi feito até agora, com respeito à Linguística. Com referência ao contato entre o português/italiano, até o momento temos dois trabalhos de conclusão de curso no ano de 2006 que tratavam da variação linguística nas localidades de Alfredo Chaves – (GRILLO et al., 2006) e em Vargem Alta (PIZETTA; DALTIÓ, 2006), além das zonas rurais e urbanas de Marechal Floriano, Castelo, Santa Teresa e Jaguaré. Mas esse contato não foi totalmente descrito. A importância da presente investigação reside, principalmente, na contribuição que dará às pesquisas já concluídas ou em andamento sobre a imigração italiana no estado, em diversas áreas do conhecimento, pois devido às características da imigração no Espírito Santo, algumas famílias mantiveram contato estreito com brasileiros, o que fez com que, aos poucos, passassem a falar o português. Por outro lado, por muito tempo, nas zonas rurais, o isolamento das comunidades favoreceu a preservação de suas línguas maternas. Dessa forma, neste trabalho, apresentaremos resultados de uma pesquisa sociolinguística, especificamente do Contato Linguístico, realizada nessa localidade, uma vez que ela é uma comunidade interiorana e isolada. A fim de atingir os objetivos deste estudo, foi formado um banco de dados de fala composto por entrevistas sociolinguísticas com os moradores dessa comunidade, divididas por gênero (feminino e masculino), faixa etária (de 8 a 14, 15 a 30 anos, 31 a 50 anos, mais de 50 anos) e escolaridade (até quatro anos, de 5 a 8 anos, e mais de 8 anos de escolarização), para se analisar: 1) a influência dos fatores sociais para a manutenção ou para o desaparecimento de uma língua minoritária; e 2) a conservação de traços fonético-fonológicos da língua estrangeira no português falado por diferentes gerações de descendentes de imigrantes, em situação de contato linguístico. Como se disse, a análise feita teve como base os pressupostos teóricos da Sociolinguística: primeiramente, da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972, dentre outros) e, em seguida, do Contato Linguístico (WEINREICH, 1953, dentre

outros). A pesquisa realizada teve o consentimento formal de cada pessoa e procurou-se manter as mesmas perguntas para os informantes de cada faixa etária: vida pessoal; vida profissional; comparações entre a vida no passado e a atual; planos futuros; saúde; alimentação; educação; segurança. Nos resultados obtidos para esta pesquisa, verificou-se variação do fonema /r/, de acordo com a faixa etária, gênero dos informantes, e, levou-se em conta também os diferentes contextos de comunicação. Mediante os dados mostrados pelo GoldVarb, verificou-se que nas palavras pronunciadas pelos informantes, a pronúncia do "r" variando de informante para informante. Este é o caso do "r" vibrante, alveolar, sonoro simples. Em algumas palavras pronunciou-se o "r" com um som bem fraco, no caso a fricativa glotal desvozeada, em outros casos, o "r" foi considerado como fonema zero, pois não foi pronunciado. A variante vibrante, dentre as outras possibilidades analisadas, é mais usada na fala dos informantes de São Bento, levando em conta a distinção do contexto (posição interna da palavra). Na posição meio e final das palavras que apresentaram a presença da letra "r", como já era esperado, houve o uso da vibrante mais notável no interior das palavras (88.6%) enquanto a ausência do "r" está principalmente no final delas (83.6%). Já o aparecimento do velar é favorecido no interior das palavras (10.9%), tendo menos relevância no final das delas. Nessa análise nota-se também que a vibrante ocorreu com maior frequência na fala feminina (70.1%). Fator esse que é comprovado por pesquisas variacionistas. A pronúncia da fala feminina nas palavras com a ausência do "r" mostrou o resultado de (23.2%) enquanto a dos homens, por sua vez, demonstrou o uso do "r" velar (12.6%) na pronúncia de palavras que possibilitam essa ocorrência. Assim, de forma geral as mulheres apresentaram uma tendência maior de pronúncia da vibrante em relação aos homens no total dos dados analisados. Outra constatação feita a partir das entrevistas realizadas foi referente à faixa etária onde se observou o predomínio do uso da vibrante nos mais jovens (74.4%). Porém, no uso do "r" velar nota-se as faixas etárias dos mais velhos demonstram maior uso (14.3%). Já no aspecto ausência da pronúncia do "r" a diferença é mínima, (21.5%) o que pode ser um alvo de maior investigação para as duas faixas etárias, a fim de se estabelecer um critério com maior relevância. Como já ressaltado o âmbito da Linguística apresenta poucas pesquisas que abordem as questões relacionadas ao contato entre o português e o italiano, no Espírito Santo, esta investigação pretende contribuir para suprir essa lacuna. Além disso, objetiva-se verificar a hipótese de que, na zona rural, a mudança linguística – neste caso, a perda de traços do italiano – acontece de forma mais lenta e em progresso. Por meio deste estudo, procuramos descrever as consequências do contato linguístico nessa região de forte colonização de imigrantes e, com seus resultados, propiciar estudos linguísticos futuros, além de contribuir para a preservação e maior divulgação da língua e da cultura italiana no Espírito Santo.

**BRASILEIROS NA GUIANA FRANCESA:
MISTURAS DE LÍNGUAS EM INTERAÇÕES FAMILIARES**

Sabine Gorovitz
sabinegz@gmail.com
Universidade de Brasília

Essa comunicação apresenta uma pesquisa desenvolvida entre 2008 e 2013 na Guiana francesa, no âmbito de uma parceria entre a Universidade de Brasília e o laboratório SEDYL-CELIA (CNRS), na França. O projeto, financiado pela AIRD-programa PEERS, buscou apreender o fenômeno do contato linguístico decorrente das dinâmicas migratórias entre o Brasil e a Guiana francesa, dinâmicas estas caracterizadas por uma forte diversidade em termos de movimentos de populações e de consequentes contatos. Para tanto, observamos discursos ordinários produzidos pelos falantes em interações familiares no intuito de entender como falam, que tipo de misturas linguísticas produzem e que categorias, linguísticas e extralinguísticas, são pertinentes para apreender o fenômeno em toda sua complexidade. Para tanto, cruzamos variáveis linguísticas (tipos de misturas) a critérios sociodemográficos para chegar a certos perfis de falante e de família.

Foi analisado um corpus de dados linguísticos levantados durante uma imersão prolongada em que foram acompanhadas e observadas dez famílias (32 falantes). Partindo da constatação sobre a grande variação em termos de misturas nos discursos observados, optamos por basear nossas análises nos conceitos definidos por Peter Auer que, em seu artigo *From Code-switching via Language Mixing to Fused Lects: Toward a Dynamic Typology of Bilingual Speech* (1998), propõe um modelo de descrição do “falar bilíngue”, estabelecendo uma tipologia adaptada às misturas produzidas pela comunidade que observamos, entre o *codeswitching* (CS) e o *language mixing* (LM).

O nosso objetivo era relacionar tipos de misturas linguísticas (perfis de conduta individual ou de grupo) com um conjunto de fatores contextuais e sociais no intuito de identificar perfis de falante e de família. Para tanto, foi preciso, a partir das observações sucessivas, selecionar categorias sociodemográficas pertinentes para traçar esses perfis, como gênero, país de nascimento, bairro de residência (mais ou menos fechados), frequência de estadas no Brasil, classe social, etc.

Partimos dessas primeiras categorias para desenvolver uma análise quantitativa prévia dos dados. Estes, uma vez quantificados, foram objeto de um tratamento estatístico que buscou,

em um primeiro momento, objetivar o fato de os discursos serem mais ou menos misturados (de acordo com o falante, a situação e o contexto de interação). Mas não bastava mostrar que alguns falantes misturam mais do que outros. Foi também preciso descrever como misturam. Para efetuar essa marcação, distinguimos categorias e subcategorias cuja vocação era indicar a frequência, a intensidade e a função das alternâncias de línguas, para cada falante em cada situação de interação. A partir desses valores, foi possível distinguir algumas regularidades e descrever a atitude prototípica de cada falante em termos de misturas.

Em um segundo momento, testamos a correlação entre os dados linguísticos (quantidade e tipos de misturas) e alguns dos fatores sociodemográficos que pareciam pertinentes para entender o fenômeno. Embora muitos fatores tenham apresentado uma taxa de correlação insuficiente para serem levados em conta, outros (como a idade, o local de nascimento e o tempo de vida na Guiana) revelaram resultados interessantes, que sugerem, por exemplo, que os falantes nascidos na Guiana misturam mais do que aqueles nascidos no Brasil.

O estudo revelou uma forte presença de discursos bilíngues na maioria das famílias observadas e uma transmissão sistemática do português entre gerações. Revelou ainda uma grande variedade de perfis sociolinguísticos e de percursos, que impossibilitou a generalização dos resultados. As variações observadas indicam ainda tipos de falares bilíngues distintos, recorrências e particularismos próprios a cada situação de interação. É preciso ressaltar a extrema variabilidade dos dados analisados, tributários de fatores múltiplos de ordem individual, coletiva e social. O desafio foi portanto ultrapassar essa particularidades para chegar a elementos de convergência reconhecíveis no conjunto dos discursos bilíngues produzidos.

Para associar perfis de família, ou perfis de falantes, a modos prototípicos de falar bilíngue, diversas perguntas foram levantadas: existem regularidades ou estilo pessoal ou de grupo? Que tipo de pressão interfere sobre as alternâncias? É possível identificar fatores extralinguísticos de que as misturas são tributárias? Há momentos em que as alternâncias se intensificam? E que sentido emerge delas? Para responder a essas perguntas, identificamos tendências características de certos comportamentos, tipos de posturas enunciativas e modos de falar bilíngues para cada falante em sua relação com os outros. A interpretação dos dados foi portanto estabelecida caso a caso, em função dos eventos (linguísticos e extralinguísticos) da interação.

No final desse percurso exploratório, e ainda que os resultados quantitativos não tenham possibilitado muitas generalizações, pudemos verificar algumas tendências para certos falantes a produzir tipos particulares e preferenciais de mistura. Foi ainda possível estabelecer correlações com fatores extralinguísticos e afirmar, por exemplo, que os falantes que mais alternam vivem em bairros mais abertos o que sugere, a título de indagação, que o

pertencimento a redes sociais muito fechadas age como uma força conservadora capaz de frear a produção de misturas e, conseqüentemente, as mudanças linguísticas.

Outra conclusão que emerge dos resultados gerais é que misturas somente ocorrem sob certas condições. Uma delas é a regularidade do contato com as duas ou mais línguas que ocorre em algumas situações como diglossia no local de residência, frequência de estada em ambos os países, presença marcada da língua estrangeira na família e na rede social, etc. Além disso, o cruzamento das variáveis linguísticas e extralinguísticas evidenciou alguns perfis de falantes e mostrou que o fenômeno da alternância pode ser considerado como um recurso revelador de afiliações, de processos de identidade tanto pessoal quanto coletiva.

Referências

AUER, Peter, 1998. From codeswitching via language mixing to fused lects: Toward a dynamic typology of bilingual speech. *The International Journal of Bilingualism* 3: 309-332.

**REALIZAÇÃO DO /r/ NA FALA DE DESCENDENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS NA ZONA
RURAL DE ITARANA, ESPÍRITO SANTO**

Sarah Loriato

sarahloriato@hotmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo

Edenize Ponzo Peres

edenizeponzo@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo

Uma das características mais comuns do português em contato com os dialetos italianos é a realização da vibrante simples, em lugar da múltipla no português, seja na posição inicial de vocábulos, seja na posição intervocálica, ou mesmo no início de sílaba precedido por consoante (FROZI & MIORANZA, 1983). Nos dialetos falados no norte da Itália, local de origem de grande parte dos imigrantes italianos que colonizaram a região Serrana do Espírito Santo, o fonema /r/ é pronunciado apenas como vibrante simples, mas nunca como vibrante múltipla (ROHLFS, 1966; ZAMBONI, 1974). A realização da vibrante, por suas características articulatórias, apresenta elevado grau de polimorfismo, especialmente em coda silábica, tanto em português quanto em outras línguas (CALLOU; MOARES; LEITE, 1996). No português, a vibrante simples e a múltipla são fonemas, uma vez que há valor contrastivo entre esses segmentos. Dessas duas consoantes, apenas a vibrante múltipla realiza-se em diferentes fones: vibrante alveolar [r], fricativa velar [X] e fricativa glotal [h]. Assim, a inexistência da vibrante múltipla como fonema nos dialetos italianos e, por outro lado, a existência da mesma no sistema fonológico da língua portuguesa, estabelecendo oposição distintiva com a vibrante simples, acarreta, o emprego da vibrante simples em lugar da múltipla no português de contato, pela transferência de uma característica da fala dialetal italiana (FROSI & MIORANZA, 1983). Dessa forma, o objeto deste estudo é a realização vibrante da simples, em lugar da múltipla no português falado por descendentes de imigrantes italianos na zona rural do município de Itarana, localizado na região Serrana do Espírito Santo. O município de Itarana foi fundado por imigrantes vênnetos, vindos da Itália no final do século XIX. Os descendentes de imigrantes italianos assumem posição de destaque em Itarana, não só pelo número, mas também pela influência linguística, econômica e cultural que exercem sobre os que ali vivem. Na zona rural do município, os moradores mais idosos pertencem à segunda e à terceira geração desde os primeiros imigrantes italianos que chegaram ao município. Nesta localidade ainda não existem pesquisas que abordem as questões relacionadas ao contato entre o português e os dialetos italianos, daí o interesse em estudar a realização da vibrante na zona rural de Itarana, município que se caracteriza por forte

colonização por imigrantes italianos. O uso da vibrante em situação de contato entre os dialetos italianos e o português já foi tema de várias pesquisas, principalmente no Sul do Brasil (FROSI & MIORANZA, 1983; ROSSI, 2000; MONARETTO, 2000; 2002; entre outros). Com respeito aos dialetos falados pelos imigrantes no Espírito Santo, há poucos estudos que analisam o contato entre os dialetos italianos e o português, e esta investigação pretende suprir essa lacuna. Desta forma, pretendemos auxiliar a compreensão dos fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos nesse contato e ainda contribuir para ampliar a descrição linguística do estado do Espírito Santo. Especificamente, objetivamos: a) apresentar e analisar resultados da análise de regra variável (LABOV, 1972; 1994; 2001) do emprego da vibrante simples em lugar da vibrante múltipla no português falado pelos descendentes de imigrantes italianos na zona rural de Itarana (ES), em posição intervocálica, em início de sílaba precedida por consoante e em início de palavra; e b) descrever o peso dos fatores extralinguísticos idade, escolaridade e gênero, para a manutenção ou a substituição desse traço do dialeto vêneto. Na outra parte do trabalho, serão apresentados os resultados dos estudos das atitudes linguísticas manifestadas pelos falantes em relação às variedades linguísticas utilizadas na comunidade estudada. Desta forma foram observadas as atitudes linguísticas dos falantes nas ocorrências de português padrão (emprego da vibrante múltipla) e português com interferências do dialeto italiano (emprego da vibrante simples em lugar da múltipla). Estes resultados viabilizam discutir e interpretar os resultados obtidos da análise de regra variável do emprego da vibrante simples em lugar da vibrante múltipla no português falado pelos descendentes de imigrantes italianos na zona rural de Itarana. Para os propósitos estabelecidos, foram realizadas trinta e quatro entrevistas sociolinguísticas (LABOV, 1972) com descendentes de imigrantes italianos residentes na zona rural de Itarana, divididos de acordo com o gênero (feminino e masculino), a faixa etária (de 08 a 14, de 15 a 30, de 31 a 50 e de mais de 50 anos), e escolaridade (de 0 a 04, de 05 a 08 e de mais de 08 anos de escolarização). As entrevistas foram feitas com base num roteiro de perguntas previamente montado, que se referiam à história da imigração italiana no lugar, histórias de família, costumes, sentimentos com relação aos antepassados e à Itália, planos para o futuro etc. No início, as perguntas versavam sobre fatos emocionantes que o entrevistado tivesse presenciado ou de perigo real de vida, utilizadas como estratégia para que o entrevistado deixasse fluir seu vernáculo (LABOV, 1972). As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Os dados foram codificados e quantificados, usando-se o Programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), sendo, em seguida, analisados. Os resultados encontrados demonstram que em Itarana o uso da vibrante simples no lugar da vibrante múltipla, seja na posição inicial de vocábulos, seja na posição intervocálica, encontra-se presente apenas na faixa etária acima de 50 anos. Observamos, igualmente, que o emprego

da vibrante simples em início de sílaba precedida por consoante, encontra-se presente somente entre os descendentes adultos (acima de 30 anos). Em outras palavras, o português de contato falado pelos mais jovens não apresenta traços de interferência fonética dos dialetos italianos, o que contraria diversos estudos realizados em comunidades de descendentes de imigrantes italianos, que revelaram alto índice do uso da vibrante simples no lugar da múltipla entre os mais jovens (FROSI & MIORANZA, 1983; ROSSI, 2000; MONARETTO, 2000; 2002; entre outros). Os estudos das atitudes linguísticas dos falantes demonstraram que os entrevistados entendem o emprego da vibrante simples ao invés da múltipla no português falado na zona rural de Itarana como algo negativo e de pouco prestígio. Essas afirmações revelam, em nosso entender, uma das motivações para entrevistados estarem substituindo o emprego de vibrante simples por múltipla no português da zona rural de Itarana. Confirmando a hipótese levantada por diversos estudos sociolinguísticos, as mulheres mostraram-se mais inovadoras em sua fala do que os homens, preferindo o uso da variante menos estigmatizada (vibrante múltipla) em todos os casos de ocorrência de vibrante investigados. Através dos estudos das atitudes linguísticas, observa-se também, o predomínio de atitudes que desprestigiam a pronúncia da vibrante simples, principalmente entre os entrevistados do sexo feminino, confirmando os resultados de diversos linguísticos (FISCHER, 1958; LABOV, 1972; 1994; 2001) que demonstram que as mulheres apresentam maior preferência pelas variantes linguísticas socialmente prestigiadas nas comunidades de fala ocidentais. Os resultados obtidos a partir da análise de regra variável do emprego da vibrante revelaram que ocorre maior uso da vibrante múltipla entre os falantes mais escolarizados. A análise das atitudes linguísticas dos falantes também indica que as escolas propiciaram o uso da variante dominante, o português-padrão, contribuindo, desta forma, para a redução do uso da variante minoritária. Em síntese, os parâmetros que mais favorecem a escolha da vibrante múltipla são: geração dos mais jovens, sexo feminino e alta escolaridade.

**REALIZAÇÃO DO DITONGO NASAL NO FALAR DOS DESCENDENTES ITALIANOS DE
SANTA MARIA DO ENGANO - ES**

Sílvia Ângela Pícoli Meneghel
silviapicolimeneghel@hotmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo

O intenso fluxo de imigração do século XIX possibilitou, ao estado do Espírito Santo, o recebimento de milhares de imigrantes de diferentes nacionalidades, principalmente europeias. Essa situação trouxe consigo a diversidade linguística ao estado, e os italianos respondem por praticamente 75% do número de imigrantes chegados ao Estado. Ou seja, de cada quatro imigrantes entrados no Espírito Santo durante o Século XIX, três eram procedentes da península itálica. Esses estrangeiros tentavam escapar da precária situação econômica e social de seus países, vislumbrando a possibilidade de uma vida melhor em solo brasileiro. Apesar das dificuldades, conseguiram se estabelecer em suas terras e preservaram sua língua e cultura por muitos anos. E, desses imigrantes, 380 italianos desembarcaram em Anchieta e singrou o rio Benevente até o povoado da Fazenda Quatinga, hoje Alfredo Chaves, um dos municípios mais representativos da colonização italiana no Espírito Santo, onde, indubitavelmente, as marcas dessa cultura de imigração se faz presente no seu cotidiano. Nosso objetivo principal é, portanto, analisar a influência dos dialetos italianos no português falado pelos descendentes de imigrantes que chegaram ao Distrito de Ibitiruí, especificamente, na comunidade Santa Maria do Engano, em Alfredo Chaves. Devido às características da imigração no Espírito Santo, algumas famílias mantiveram contato estreito com brasileiros, o que fez com que, aos poucos, passassem a falar o português. Por outro lado, por muito tempo, nas zonas rurais, o isolamento das comunidades favoreceu a preservação de suas línguas maternas, principalmente no nível fonético-fonológico. Assim, nessa pesquisa investigamos a influência fonético-fonológica do dialeto italiano - especificamente, a variação da pronúncia do ditongo nasal /ãw/ – no português falado atualmente nessa comunidade. Optamos por realizar uma pesquisa de campo, com coleta de dados feita por meio de entrevistas sociolinguísticas, vislumbrando o contato face a face com os informantes, selecionados pelo critério de ser nascido ou ter vivido pelo menos 2/3 de sua vida ali. Dessa maneira, os informantes foram divididos por gênero (feminino e masculino), idade (faixas etárias: de 8 a 14, 15 a 30 anos, 31 a 50 anos, mais de 50 anos), escolaridade: até quatro anos, de 5 a 8 anos, e mais de 8 anos, com o objetivo de analisar: 1) a influência dos

fatores sociais para a manutenção ou para o desaparecimento de uma língua minoritária; e 2) a conservação de traços fonético-fonológicos da língua estrangeira no português falado por diferentes gerações de descendentes de imigrantes, em situação de contato linguístico. Os dados foram analisados quantitativamente, com o auxílio do Programa Goldvarb X (SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E., 2005), e qualitativamente, com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística. Foi adotada a proposta de estudos ligados à linha de pesquisa de “variação e mudança linguística” e do “contato linguístico” com base nos pressupostos teóricos metodológicos propostos e seguidos nos trabalhos de William Labov, Weinreich e Herzog, além dos teóricos do Bilinguismo e do Contato Linguístico (WEINREICH (1953), FISHMAN (1972, 1978, 1991, 1999, 2000), GUMPERZ (1972, 1982), TRUDGILL (1986, 1992), CHAMBERS (1995, 1998), FASOLD (1996) e COULMAS (2006)), dentre vários outros grandes sociolinguistas. Dentre os trabalhos já realizados, encontramos, além da elaboração do Atlas Linguístico do Espírito Santo pela Profª Drª Catarina Vaz Rodrigues, da UFES, alguns estudos sobre o pomerano (RODRIGUES, 2009; BENINCÁ, 2008; HAESE, 2006, 2007; BARTH, 2007 e 2011), o holandês (BREMENKAMP, 2011) e o italiano (GRILLO et al., 2006; DALTIO e PIZETTA, 2006; e PERES, 2011 a) e b)). Todavia, o contato entre as línguas de imigração e a língua portuguesa, no estado, precisa de mais estudos. Por isso, justifica-se a realização deste trabalho, uma vez que visa à análise dos traços do italiano no português para uma melhor compreensão do fenômeno do contato linguístico, além de fornecer informações sobre as línguas de imigração no Espírito Santo, propiciando outros estudos linguísticos no futuro. Assim, esperamos contribuir para a preservação e maior divulgação da língua e da cultura de nosso estado. Nos resultados obtidos até o momento verificou-se a variação dos ditongos nasais, levando em conta a faixa etária dos informantes e o contexto, ou seja, os traços da língua estrangeira se vão perdendo com o passar do tempo, de onde podemos esperar uma mudança em progresso, com os mais idosos conservando mais traços vênetsos que os mais novos. Observou-se também que manutenção dos traços está diretamente ligada à visão positiva dos falantes com relação às suas origens. Vale salientar ainda que os resultados apresentados nesse trabalho são parciais, uma vez que ele faz parte de uma pesquisa sociolinguística de um projeto maior, intitulado *Línguas em contato: o português e o italiano no Espírito Santo*, coordenado pela Professora Doutora Edenize Ponzo Peres, da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES.

PROCESSOS MORFOLÓGICOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO PAPIAMENTU

Manuele Bandeira de Menezes

manuelebandeira@usp.br

Universidade de São Paulo

Shirley Freitas

shirleyfreitas@usp.br

Universidade de São Paulo

O objetivo deste estudo é investigar os processos morfológicos de itens lexicais no papiamentu moderno (língua falada, entre outros lugares, em Curaçao, ilha localizada no mar do Caribe que possui cerca de 150 mil habitantes (cf. o Censo de 2011 (STATISTICS, 2012))). Alguns estudos sobre a morfologia das línguas crioulas afirmam a simplicidade dessas línguas e a inexistência de morfologia. Seuren & Wekker (1986), por exemplo, defendem que a morfologia é essencialmente ausente nas línguas crioulas. McWhorther (1998), por seu turno, advoga que as gramáticas mais simples do mundo são as crioulas. Já Thomason (2001) apresenta a hipótese da transparência semântica, segundo a qual nos casos em que a morfologia aparece em pidgins e crioulos (algo que não é comum), ela tende a ser regular. Como contraponto, pretendemos mostrar que o papiamentu não possui uma gramática simples, fazendo amplo uso de processos morfológicos para a criação de novas palavras.

A ilha de Curaçao, ambiente em que o papiamentu se desenvolveu, foi (e ainda é) marcada por um forte multilinguismo, com a presença especialmente do holandês, do espanhol em suas variedades americanas, do inglês e em tempos pretéritos do português. Diante desse cenário, o papiamentu recebe inúmeras influências, seja na fonologia, na morfologia, na sintaxe ou no léxico dessas línguas com as quais está em contato. Contudo, embora muitas palavras do papiamentu tenham de fato seu étimo em outras línguas, é possível perceber que um número significativo de palavras formadas no próprio papiamentu.

MATERIAIS E MÉTODOS

O *corpus* deste trabalho foi formado por itens lexicais de adaptação/nativização incorporados ao longo do século XX, provenientes, sobretudo, do espanhol, holandês, inglês e português e é constituído por léxico de nativização recente. O *corpus* foi limitado aos domínios

do Esporte, Política, Economia, Tecnologia e Desenvolvimento (BANDEIRA, 2013). Uma possível garantia para o *corpus* de fato ser do século XX em diante reside no fato de os campos lexicais escolhidos serem de desenvolvimento mais recente. Ademais, esses vocábulos não serem encontrados em glossários e listas de palavras mais antigas do papiamentu, como os trabalhos de Antoine Maduro.

Para analisar os dados, buscamos ter uma postura teórico-metodológica diferente daquela assumida por Seuren & Wekker (1986), McWhorther (1998), Thomason (2001), entre outros. Embora seja frequentemente afirmado que as línguas crioulas carecem de morfologia, é possível encontrar contra-exemplos nos crioulos, como o sufixo transitivo do tok pisin e os prefixos de aumentativo e diminutivo do fa d'ambô (cf. THOMASON, 2001). Ademais, tem sido demonstrado que línguas como o papiamentu e o haitiano preservaram (ou reconstruíram) morfemas derivacionais de suas línguas lexificadoras (cf. PLAG, 2005). Assim, mostraremos que o papiamentu, além de possuir morfologia, apresenta processos morfológicos autóctones, não se limitando a simplesmente importar para a língua os padrões morfológicos de suas línguas lexificadoras (espanhol e português).

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRA

O processo de formação de palavras tem por objetivo enriquecer o léxico através da expressão oral e escrita, por meio de empréstimos externos e internos, alteração de significado, abreviações e reduções de expressões (AREÁN-GARCÍA, 2007).

A partir da análise de dados, observou-se a formação de palavras novas por meio da junção de uma forma nativizada recentemente com parte da morfologia do papiamentu. A pesquisa se debruçou sobre a formação de novos itens lexicais através dos seguintes processos: (a) adição de sufixos, (b) decalque de formas existentes na língua fonte, e (c) reduplicação.

DERIVAÇÃO SUFIXAL

O papiamentu apresenta, em seu léxico, marcadores derivacionais do português e do espanhol, tais como o -mentu e o agentivo -dó¹. Inicialmente, pode-se supor que o -mentu e o -dó não seriam afixos propriamente ditos, mas emprestados em conjunto com as palavras. Como,

¹ O papiamentu também apresenta afixos prefixais, tais como **disformal** “qualidade daquilo que não é formal” e **inekonómiko** “qualidade daquilo que não é econômico”. No entanto, o prefixo não é tão produtivo na língua assim como o é o sufixo, por essa razão, só trataremos, aqui nesse estudo, sobre a derivação sufixal.

por exemplo, **estashonamentu** “estacionamento”, poder-se-ia dizer que tal palavra foi emprestada como um todo, por essa razão o -mentu não seria um afixo por si só no papiamentu. Entretanto, ao se analisarem vocábulos como **dèkmentu** (do holandês *dek* “coberta”) “cobertura para outro jogador” e **èntermentu** (do holandês *enten* “vacinar”) “vacinação”, nota-se que o -mentu é de fato um afixo formador de palavra. Esse processo funciona não só em bases provenientes do holandês e do inglês, mas também nas do espanhol e do português (em casos nos quais as formas em -mentu são ausentes), como **kerementu** (do espanhol *creer*/português *crer*) “crença” e **odiamentu** (do espanhol/português *odiar*) “ódio”, o que prova que esse sufixo de fato é produtivo na língua.

DECALQUE

Segundo Alves (2007), um modo de integração de um item de L2 (segunda língua) para L1 (língua materna) pode ocorrer através do *decalque*. Esse processo consiste em criar uma nova palavra, em L1, baseada na forma literal de um item de L2. Isso pode ser visto no português com a palavra *lojas de departamentos* que é um sintagma calcado no inglês *department stores*.

Sob essa categoria, encontramos processos de criação por meio da qual o falante, em vez de dizer *boormachine* (holandês), usa a forma literal **mashin di bora** “máquina, broca”. O mesmo ocorre com palavras como *kopieermachine* (holandês), nativizada como **mashin di kopia** “copiadora”; *nietmachine* (holandês), item adaptado para **mashin di nit** “grampeador”; *typemachine* (de étimo holandês ou inglês), item nativizado para **mashin di taip** “máquina de escrever”. Morfologicamente, percebe-se que o holandês apresenta uma estrutura de nome/qualificador (N1) + nome (N2), já o papiamentu apresenta uma estrutura de nome (N2) + di + nome/qualificador (N1). Assim, cria-se um novo item, invertendo a ordem (N1) + (N2) para (N2) + conectivo + (N1), sendo essa uma estrutura nativa do papiamentu, o que ilustra seu processo de formação autóctone.

REDUPLICAÇÃO

A reduplicação é um processo morfofonológico que consiste em repetir parte ou o todo de uma palavra, com o intuito de criar distinção lexical (cf. KAGER, 1999). Analisando somente os casos de reduplicação verdadeira em papiamentu, ou seja, quando a parte reduplicada apresenta um conteúdo lexical independente, constituindo uma palavra da língua (cf. BANDEIRA & FREITAS, 2012), observou-se que o papiamentu faz uso recorrente do mecanismo de reduplicação, sendo as funções de intensificação e de especificação (fenômeno no qual a forma

reduplicada nomeia espécies animais ou vegetais que têm como característica aquilo que é veiculado pela palavra-base) as mais expressivas, como respectivamente em **fini** “fino, magro” – **finifini** “muito fino, muito magro” e **pega** “colar, grudar, fixar, ficar preso” – **pegapega** “lagartixa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito de estudos que descrevem os mecanismos gramaticais das línguas crioulas como “simples, sem nexos” (SEUREN & WEKKER, 1986; MCWHORTER, 1998; entre outros), apresentaremos dados que comprovam o uso variado de recursos morfológicos autóctones do papiamentu para a criação de novos itens lexicais. Assim, nos contrapomos à ideia de que os pidgins e crioulos não possuem morfologia, demonstrando que “embora os pidgins e crioulos pareçam ter menos morfologia do que suas línguas lexificadoras, há de fato uma morfologia em pidgins e crioulos, com diferenças importantes entre línguas individuais e também entre línguas de diferente status (pidgin ou crioulo).” (PLAG, 2005: 2).

PALAVRAS-CHAVE: Papiamentu; Processos morfológicos; Criação de novas palavras.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. 2007. *Neologismo*. Criação lexical. 3. ed. São Paulo: Ática. 93p.
- AREÁN-GARCÍA, N. Estudo comparativo de aspectos semânticos do sufixo -ista no português e no galego. 2007. Dissertação (Mestrado em ‘Filologia e Língua Portuguesa’) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BANDEIRA, Manuele. A adaptação de empréstimos recentes no papiamentu moderno. 2013. Dissertação (Mestrado em ‘Filologia e Língua Portuguesa’) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BANDEIRA, Manuele & FREITAS, Shirley. 2012. A reduplicação no papiamentu. *PAPIA* (Brasília), v. 22, n. (2), 323-334.
- KAGER, Rene. 1999. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MARTINUS, Frank. 1990. Papiamentu: the Road to Emancipation. *Language Reform: History and Future*, vol. V ed. István Fodor & Claude Hagège, 127-149. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- MCWHORTER, John. 1998. *Identifying the Creole Prototype: Vindicating a Typological Class*. *Language* 74 (4): 788-818.

PLAG, Ingo. 2005. Morphology in pidgins and creoles. In: BROWN, Keith (Ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*, Second Edition, Vol. 8, 304-308. Oxford: Elsevier.

SEUREN, Pieter & WEKKER, Herman. 1986. Semantic Transparency as a Factor in Creole Genesis. In: MUYSKEN, Peter & SMITH, Norval. *Substrata Versus Universals in Creole Genesis*. Amsterdam: Benjamins, 57-70.

STATISTICS, Central Bureau of. 2012. First results census 2011 – Curaçao. Antilhas Holandesas. Acesso em: 14 out 2012. Disponível em: <<http://www.cbs.cw/cbs/themes/Census%202001/Publications/Census%202001-20121023105057.pdf>>

THOMASON, Sarah. 2001. *Language Contact*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

**ESTRATÉGIAS DE FOCO NO CABOVERDIANO:
UMA BREVE ANÁLISE SOBRE AS SENTENÇAS CLIVADAS REDUZIDAS**

Wânia Miranda
miranda.wania@gmail.com
Universidade de São Paulo/CAPES
Maria de Lurdes Zanoli
maluzanoli@yahoo.com.br
Universidade de São Paulo

Neste trabalho descrevemos as estratégias de foco no caboverdiano falado na ilha de São Nicolau, situada na região de Barlavento. Em análises anteriores da variedade em questão, pôde-se constatar a existência de construções clivadas e clivadas invertidas, utilizadas como estratégias para a marcação de foco. No presente trabalho verificaremos se a língua possibilita a marcação de foco através do fenômeno das sentenças clivadas reduzidas, estrutura essa atestada em línguas como o português brasileiro, por exemplo.

As sentenças clivadas podem ser definidas como constituídas por estruturas bipartidas, e são amplamente atestadas na literatura sobre foco, como podemos observar no exemplo do PB abaixo:

(1) [_{Foco} **É um vestido** _i **que**] **Marta fez** (_{t_i})

Para Oliveira (2010: 280), em sentenças como (1) acima:

[...] temos um exemplo de uma estrutura dita clivada em que ocorre o movimento do [_{SD} um vestido] para a periferia da sentença, 'ensanduichado' por "é ... que", para efeitos de marcação de foco.

O português europeu (PE) difere do PB, no que concerne às construções clivadas (Fernandes, 2007:179). Essa diferença estaria na predileção do tipo de sentenças clivadas. No

PE, o sujeito encontra-se na margem direita, ao passo que no PB, o sujeito situa-se na margem esquerda da sentença, como pode-se observar nos exemplos abaixo²:

(PE):

(2) Quem chegou foram as velhas. (pseudo-clivadas)

(PB):

(3) a. Foram as velhas que chegaram. (clivadas)

b. As velhas é que chegaram. (clivadas invertidas com cópula)

c. As velhas que chegaram. (clivadas invertidas sem cópula)

Sentenças como as apresentadas em (3c), a qual Fernandes (2007) chama de ‘clivadas invertidas sem cópula’ e sentenças como em (4), as quais Oliveira (2011) denomina *perguntas-QU fronteadas seguidas de ‘que’ e sem a presença de cópula*, apresentam, no entanto, alguns problemas:

(4) *PE/ PB/PVB **O que que você fez?**

Oliveira (2011) observa que o sintagma QU *o que* em (4) sofre aparente movimento da posição de argumento interno do verbo *fazer* para a periferia esquerda da sentença. Enfatiza ainda que, em línguas como o português, elementos QU podem permanecer *in situ* ou serem movidos; no último caso, os elementos QU, de acordo com a literatura sobre o tema, estariam ligados a estruturas de clivagem.

Analisando casos como esses, Oliveira (2011), nos remete a Cheng (1991), que afirma que em línguas do tipo QU- *in situ* e QU movido, como o PB, a opção de movimento QU nunca estaria disponível. De acordo com Cheng, nas construções em que um dado sintagma interrogativo encontra-se na periferia esquerda (conforme (4)), tal sintagma teria sido gerado diretamente nessa posição. Elementos QUs na periferia da sentença, como em (4) seriam, portanto, elementos interrogativos derivados de orações clivadas reduzidas. Observemos os dados a seguir:

² Os dados foram renumerados.

- (5) a. PE; PB/PVB³ Você fez o quê?
b. PE; PB/PVB O que é que você fez?
c. *PE; PB/PVB O que que você fez?

Sobre os dados acima, Oliveira (2011) afirma que em PE, PB e PVB, perguntas-QU podem ser movidas para a periferia da sentença. Em PE, contudo, esse movimento só ocorre de dentro de uma estrutura de clivagem como observado em (5). Sentenças como (5c) seriam, então, agramaticais em PE. A autora nos informa que, segundo Kato & Raposo (1996: 273-274), todas as perguntas-QU fronteadas em PB, como (5b) e (5c), são interrogativas derivadas de clivagem, como exemplificado nos dados a seguir:

WH in-situ

- (6) PE/ PB/PVB **Você fez o quê?**

WH movido para estrutura de clivagem

- (7) PE/ PB/PVB *O que é que **você fez?***

Regra de apagamento de cópula em construções clivadas

- (8) *PE/ PB/PVB *O que que **você fez?***

Regra de apagamento do complementizador que

- (9) PE/ PB/PVB *O que **você fez?***

Assim, o questionamento levantado por Oliveira (2011) reside no fato desse tipo de estrutura tratar-se de uma estrutura biclausal (clivagem) ou monoclausal. No tocante ao PB e ao PVB, o fato de colocar a análise dessas construções ao lado das hipóteses ‘monoclausais’ (para maiores esclarecimentos ver Green (2007)), ou seja, de que não se tratam de construções com ‘apagamento de cópula’, mas sim de construções específicas de marcação de foco, aproxima o PB/ PVB de traços linguísticos areais de línguas do oeste africano – LAs.

No tocante à língua caboverdiana, Oliveira & Souza (2009), em um estudo sobre pronomes *Wh* na variante de Santiago, apontam para o morfema *ki* “que” como um marcador de foco (entre outras funções sintáticas). Oliveira & Holm (2011) denominam morfemas como

³ PVB – Português Vernacular Brasileiro.

esse de ‘highlighter’ e apontam para o fato de que esses morfemas são semelhantes ao elemento “que” atestado em perguntas QU fronteadas no português vernacular brasileiro / português brasileiro (PVB/PB respectivamente) e, ainda, que os ‘highlighters’ atestados em línguas reestruturadas assemelham-se a construções de ‘foco gramatical’ em línguas do oeste africano, como, por exemplo, o *ni* do iorubá e o *ki* do guineense, apresentados em (10) e (11):

Iorubá:

(10) Maria **ni** o fun omo **ni** osan lanaa

It was Mary who gave the baby an orange yesterday

Crioulo de Guiné Bissau:

(11) Kin **ki** tem terá?

Quem que tem terra?

Abaixo, apontamos alguns exemplos do caboverdiano da ilha de São Nicolau:

Sentença contexto:

Anton na Saninklau ta falód ma jent mdjer ta papia d’más, é dvera?

“Então, em São Nicolau se diz que as mulheres falam demas, não é verdade?”

(12) Mtira, ôm é **k’** ta papia d’más⁴

Mentira homem COP **COMP** HAB falar demais

Mentira, homem é que fala demais.

Sentença contexto:

Faló-m ma na Skemada mdjer é k’ta pega na nxada

“Você me disse quem em Queimadas as mulheres é que pegam na enxada”

(13) Anton bo ka obi dret ôm **k’** ta pega na nxada
Então 2SG NEG ouvir direito homem **COMP** HAB pegar em enxada

Então você não entendeu direito, homem é que pega na enxada.

⁴ Abreviações utilizadas nas glosas --- 2SG: segunda pessoa do singular; COMP: complementizador; COP: cópula; HAB: aspecto habitual; NEG: negação.

A partir de testes como os apresentados acima, bem como de dados disponíveis da variedade em questão, atestamos, em caráter preliminar, que a marcação de foco em caboverdiano, prevê a cópula e o constituinte focalizado para marcação de foco contrastivo e de informação, ou seja, após apontar os recursos sintáticos de marcação de foco, tomamos as construções clivadas e clivadas invertidas, respectivamente para foco de informação e foco contrastivo, como padrões para marcação de foco.

Diferentemente do que se atesta em PB, em caboverdiano de São Nicolau, não verificamos, até o momento da análise, a existência de clivadas reduzidas para esses tipos de foco. Diante disso, a partir de testes semelhantes aos empregados para verificação de foco contrastivo e de informação, através dos quais pode-se constatar a existência de construções clivadas e clivadas invertidas, verificaremos se há, em caboverdiano de São Nicolau, a existência de sentenças clivadas reduzidas, como um modo de corroborar a hipótese de Oliveira & Holm (2011) que apontam para a existência de clivadas reduzidas no PB como atreladas ao fenômeno de contato com as línguas do oeste africano.

A COLOCAÇÃO DO PRONOME CLÍTICO DE OBJETO INDIRETO NO PORTUGUÊS DOS TONGAS, MAIS UMA EVIDÊNCIA DE TRANSFERÊNCIA SUBSTRATAL?

Natali Gomes de Almeida Santana

natalisantana@live.com

Universidade Federal da Bahia

Alan Norman Baxter

alan.baxter@ufba.br

Universidade Federal da Bahia

O português dos tongas da roça Monte Café, na ilha de São Tomé, descendentes de serviçais africanos continentais foi desenvolvido a partir do segundo tercio do século XIX. As bases desse processo foram um forte substrato bantu, modelos de português L1 europeu dos administradores da roça, e modelos de português L2 de contato, dos serviçais africanos. Baxter, Mello e Santana (2013) observaram que o português tonga manifesta a construção de objeto duplo, e atribuíram essa configuração a uma transferência de parâmetro do substrato bantu, essencialmente umbundu. No tratamento pronominal do objeto indireto, foi observado que predomina o PRO-forte, havendo um uso incipiente de pronome-clítico, como proclítico e enclítico, como nos seguintes exemplos:

- (i) Panhô pedra pra dare elé
- (ii) Ele disse- me assim.
- (iii) Você me fez mal.

O presente trabalho foca a variação entre proclítico e clítico, no mesmo corpus estudado por Baxter, Mello e Santana (2013), por meio de uma análise quantitativa que contempla o potencial condicionamento sobre a posição do clítico exercido pela classe verbal, a presença de itens indutores de alçamento do pronome, a força ilocucionária da sentença, e as variáveis extralinguísticas <sexo do falante> e <faixa etária>. Conclui-se que o pronome-clítico no português tonga tende a ser alçado à posição proclítico havendo ou não presença de itens tipicamente indutores de alçamento no português europeu. Esta tendência revela-se ser mais forte na faixa etária mais avançada, porém perdura na faixa jovem. A forte tendência proclítica é atribuída a um efeito de transferência configuracional da língua umbundu.

**CONCORDÂNCIA DE NÚMERO E DE GÊNERO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PORTUGUÊS DE
ANGOLA, PORTUGUÊS DO PRÍNCIPE E O PORTUGUÊS KAINGANG**

Eduardo Ferreira dos Santos
santos.eduardoferreira@gmail.com

Universidade de São Paulo/CNPq

Ana Livia dos Santos Agostinho
ana.agostinho@yahoo.com

Universidade de São Paulo/FAPESP

Moana de Lima e Silva
moanalima@gmail.com

Universidade de São Paulo

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise comparativa dos aspectos de concordância de número e de gênero recorrentes de forma semelhante em três variedades da Língua Portuguesa, a saber: o português falado em Angola (P_{LB}), especificamente do município do Libolo, o português falado na Ilha do Príncipe (PP), São Tomé e Príncipe, e o português falado pelos índios Kaingang (PK), da região Sul do Brasil, estado do Rio Grande do Sul.

A partir da análise dos dados, vamos propor as aproximações das três línguas e os possíveis fatores que possam influenciar na realização (ou não) dessa concordância. Os dados para este trabalho fazem parte de um corpus oral, para o P_{LB} e para o PP, a partir de coletas realizadas em trabalho de campo; e textos produzidos por professores indígenas, para o PK.

A língua portuguesa, nestes três ambientes sociolinguísticos, tem estatuto de língua oficial, mas convive com línguas de tipologias distintas. Em Angola, ao lado do português, temos cerca de trinta línguas faladas no país, sendo o Quimbundo a principal língua banta falada no Libolo. Em São Tomé e Príncipe, são faladas quatro línguas crioulas de base portuguesa: Lung'le, Santome, Angolar e Kabuverdianu. Embora o sistema de ensino e o acesso à educação não contemplem a integridade da população, os dois países já estão inseridos em um contexto de familiaridade e certo domínio da escrita, visto o estatuto linguístico que a língua portuguesa exerce nesses dois países desde o período colonial. Já os índios Kaingang têm como língua materna a língua de mesmo nome, pertencente à família Jê (tronco Macro-Jê), e estão inseridos em um ambiente social majoritariamente de língua portuguesa, como é no Rio Grande do Sul. No entanto, diferentemente dos dois países africanos, os índios kaingang foram introduzidos

recentemente na modalidade escrita da língua e, através de direito assegurado pela Constituição de 1988, podem participar da escolarização de forma bilíngue.

Embora o contexto de apreensão dos dados para as três variedades sejam distintos, oral e escrito, não exclui o fato de serem três ambientes de fala que evidenciam uma situação de contato linguístico e um contexto de língua portuguesa como língua estrangeira (LE) e/ou L2 (língua segunda) – cf. Figueiredo & Oliveira, a sair; Christino & Lima e Silva (2012) – nestes três espaços. Essa situação interessa-nos para a aquisição de língua e os contextos educacional ou natural (Lima, 1996) em que ela pode ser realizada, além da possibilidade de transferência de traços da LM (língua materna) para o português como L2. Segundo Gass & Selinker (2001), é comum a interferência da LM no desempenho linguístico de um falante na produção de sua L2.

Ao privilegiarmos a concordância de número e gênero em nosso trabalho, retomamos os trabalhos de Lucchesi, Baxter & Ribeiro (2009), Holm (2009), Inverno (2009), Christino & Lima e Silva (2012), Silva (1988); Brandão (2011). Lucchesi, Baxter & Ribeiro (2009), identificaram na comunidade de Helvécia (Bahia) dados que indicam a variação na concordância de gênero no interior do sintagma nominal; Holm (2009), ao estudar o português vernacular de Angola constata que os angolanos deixam de usar a concordância de gênero; Inverno (2009), ao estudar o português de Angola falado no Dundo (Lunda Norte), aponta para possibilidade da não-concordância do sintagma nominal para a marcação de gênero e número; Christino & Lima e Silva (2012) mostram que no português Kaingang, o sintagma nominal também pode ser realizado com ausência de marcação.; Silva (1988), no português-Kamayurá reconheceu a ausência de marca específica de 1ª pessoa do singular nos verbos e de marcas de modo. Brandão (2011) privilegia, em seus estudos, a variedade culta de São Tomé, a partir da concordância nominal. Ressaltamos ao leitor que ainda não dispomos de trabalhos acerca do português falado no Príncipe. Para estes autores, há uma relação entre os fenômenos linguísticos em destaque e as situações de contato linguístico e transmissão linguística irregular, evidenciando o papel das línguas de substrato na produção dos dados.

A seguir, apontamos alguns dados que serão considerados em nossa análise:

P_{LB}

(01) Maria agora saiu na minhas perna

(02) só por causa da raiva dos filho que foi com ele

(03) Se esses mulhere começa...

PP

(04) depois de oito dia

(05) as criança fica assim

(06) se uma pessoa está parado

PK

(07) porque as sociedade possuíam tecnologia, mas eram diferente

(08) derrubar os arvores

(09) fuma causa problema respiratórios

Pretendemos, dessa forma, considerando que a língua é o reflexo de uma interação sociolinguística de seus falantes, discutir se essas línguas vernaculares, produzidas em regiões distintas, estão sendo influenciadas por algum contexto de ensino-aprendizagem e um input não normativo. Também colocaremos em pauta se a questão da concordância de número e gênero para essas três variedades de língua não explicitaria o contato linguístico e a predominância, para certos traços, da LM ou da L2. Não descartamos, também, uma instanciação da GU na produção desses dados, como um traço universal de aquisição que será 'corrigido' pelo desempenho do falante quando inserido num contexto formal de uma determinada norma de sua língua.

AVALIAÇÕES DE JOVENS INDÍGENAS SOBRE AS MUDANÇAS NA LÍNGUA E NA CULTURA AKWĒ

Julia Izabelle da Silva

evanesju@gmail.com

Universidade Federal de Goiás

Nesse trabalho levantamos algumas discussões suscitadas no decorrer de nossa pesquisa de mestrado, ainda em andamento, cujo tema de investigação refere-se aos usos e atitudes linguísticas de jovens indígenas AkwĒ-Xerente. Para a presente comunicação, nos ateremos à questão da consciência linguística do grupo, ou seja, à forma como os sujeitos compreendem e avaliam as mudanças que observam tanto na estrutura como no uso da língua Xerente, assim também como em suas práticas culturais e identitárias. Os Xerente ou AkwĒ, como se autodenominam, estão localizados na cidade de Tocantínia, estado do Tocantins, e distribuídos na reserva indígena Xerente, entre as T.I Xerente e Funil. De acordo com Rodrigues (1994), a língua xerente pode ser classificada como pertencente à família linguística Jê, do tronco linguístico Macro-Jê. Segundo Braggio (2013), a situação sociolinguística do grupo é caracterizada por um bilinguismo alto, tendo o xerente como primeira língua (L1) e o português como segunda língua (L2), e por uma diglossia conflituosa, na medida em que a situação do contato se dá entre grupos político e economicamente assimétricos (HAMEL, 1983). Para Hamel & Sierra (1988), a diglossia é entendida como parte de um processo histórico de mudança entre as línguas dominante e dominada, o qual tende a se dissolver para dois pólos: ou o deslocamento e *substituição* da língua dominada pela língua dominante, ou a resistência e a *normalização* da língua dominada.

Assim, valorizações diferenciadas sobre as línguas, como a ideia de que uma língua é mais adequada para ser ensinada na escola porque a outra não possui gramática, ou a ideia de que esta não chega nem a ser uma língua, sendo só um dialeto na língua nacional, criam espécies de “*patois*”, crenças a respeito da própria língua, representações que estão diretamente relacionadas às práticas dos seus falantes. Dessa forma, a questão da *consciência linguística* dos sujeitos acerca das línguas e grupos em conflito desempenha um papel fundamental em uma investigação que busca identificar qual a tendência histórica a ser tomada pela língua e cultura subalterna (HAMEL & SIERRA, 1998). De acordo com Myers-Scotton (2006), a noção que o grupo possui dele próprio (*group’s sense of itself*), possui uma força importante na manutenção da língua e da cultura do grupo frente à hegemonia dominante. A autora exemplifica com o caso dos índios Tewa, no estado do Arizona (Estados Unidos), que mesmo após trezentos anos de contato tanto com os norte-americanos quanto com outra etnia indígena, os Hopi, ainda vivem como um grupo culturalmente distinto, mantendo viva a língua Tewa. Suas ideologias acerca de

sua língua e cultura foram e ainda são um importante fator na preservação dos costumes Tewa (MYERS-SCOTTON, 2006).

Nesse sentido, no que diz respeito à metodologia utilizada para a realização de nossa pesquisa, contamos com a aplicação de questionário semi-estruturado, entrevistas e notas de campo feitas a partir de observação participante, junto ao grupo estudado. Para o levantamento dos dados sobre a consciência linguística, fizemos aos jovens os seguintes questionamentos: (a) você percebe que os jovens falam o xerente diferente dos mais velhos? (b) o que você acha dos jovens “colocarem português no meio da língua xerente”? (c) você conhece xerente que conversa com outro xerente em português? (d) o que você acha disso? De forma resumida, podemos afirmar que até o momento os dados mostram que os jovens têm percebido diferenças na forma como eles e os mais velhos falam. Essa diferença corresponde à quantidade de empréstimos e alternâncias de código cada vez mais frequentes entre os jovens (BRAGGIO & MESQUITA, 2013). No entanto, podemos observar que a maioria avalia essas mudanças como negativas, o que demonstra uma atitude positiva e de desejo de manutenção da língua xerente como ela é. Assim, escutamos discursos de lamentação como *“Os mais velho são mais sabido que os mais novo. Hoje em dia os novo, nós assim, os jovens, nós num fala igual os velho não antigamente. Antigamente os velho era mais sabido do que nós”*.

Embora pareça ser uma regra entre os xerente que usem somente a língua indígena entre eles, somente um participante da aldeia Salto afirmou não conhecer alguém que use o português para falar com outro índio. Com exceção dos participantes que moram na cidade, que avaliaram de forma positiva o uso do português entre eles, a maioria dos jovens das aldeias manifestou uma avaliação negativa, de repúdio ao uso do português entre Akwẽ. Além disso, quando perguntava quem eram essas pessoas, falava-se sempre ou dos jovens da cidade. Ao perguntar os motivos que as pessoas teriam pra fazer isso, as respostas geralmente eram de que a pessoa estava se sentindo "melhor" do que os outros porque estava se sentindo "branco". A avaliação negativa que os jovens fazem desse comportamento linguístico revela um sentimento de “quebra de uma regra”, que suspeitamos indicar a resistência do grupo à assimilação da cultura e língua não-indígena. Temos nos questionado, então, se o contato intenso com a cidade tem enfraquecido essas regras de afirmação e preservação da língua, já que ao deixarem de usar o xerente entre eles, possivelmente, deixam também de ensiná-las para as próximas gerações.

Dessa forma, a investigação da consciência que os jovens Akwẽ possuem acerca daquilo que percebem como mudança em sua língua e sua cultura e a avaliação que fazem disso, se positiva ou negativa, pode demonstrar qual a tendência histórica do grupo: se a do deslocamento linguístico e cultural ou a da resistência, nos termos de Hamel & Sierra (1988). Além disso, cabe ainda investigar até que ponto a adesão cada vez mais crescente dos jovens ao

ensino superior, sobretudo em instituições federais como a Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade de Brasília (Unb) e o curso de Licenciatura Intercultural Indígena, oferecido pela Universidade Federal de Goiás (UFG) refletem em uma introdução de concepções acadêmicas sobre língua e cultura, influenciando assim a incorporação de uma visão sobre mudança diferente ao discurso desses jovens.

O PORTUGUÊS FALADO POR IMIGRANTES CHINESES EM SÃO PAULO E A VARIAÇÃO DOS MARCADORES DISCURSIVOS-CONVERSACIONAIS

Bi Meng Yin

alicechinesa@gmail.com

Universidade de São Paulo/CNPq

Com o desenvolvimento da comunicação e da sociedade, movimentos migratórios foram se tornando cada vez mais dinâmicos no palco mundial. É comum que as pessoas, em busca de melhor emprego ou uma perspectiva melhor de vida, acabem migrando. Algumas comunidades podem, contudo, já ter em si a tradição de emigração. É o que notamos com relação aos chineses habitantes do litoral. Um destino preferido recentemente tem sido o Brasil. Embora a história da imigração para o Brasil esteja completando 200 anos, o grande fluxo da imigração chinesa só começou a partir dos anos 50 do século passado, especialmente depois de lançar a política de reforma e abertura que abriu a porta da China para estrangeiros.

Um relevante motivo para os imigrantes chineses fixarem residência em São Paulo, onde há a maior quantidade de imigrantes, são justamente as oportunidades econômicas. Chineses que passam a habitar essa cidade possuem um perfil bem delineado: normalmente originam-se de províncias ao sul da China, onde se concentra uma variedade de dialetos considerável, por isso, mesmo favorecendo que uma franca que não sua língua materna os ligue em situações diversas. Provavelmente, essa língua seja o mandarim, a língua oficial da China a partir do ano 1995.

Para os imigrantes mais antigos, os principais problemas enfrentados foram relativos à dificuldade em aprender o idioma. Contudo, como a maior parte faz negócios, é uma necessidade que se comuniquem com os clientes brasileiros, e depois de alguns anos no Brasil, eles não manifestam grandes problemas em comunicar-se no dia-a-dia.

Segundo os estudos de Fishman (1966) sobre as etapas de transição para um estado monolíngue, essa transição se dá comumente em três gerações: a primeira geração comunica-se a língua de origem em casa e aprende a língua do destino para se comunicar nos trabalhos; a segunda geração aprende a língua do destino e aprende a língua de origem familiar para continuar a se comunicar com os pais; no entanto, a terceira geração não usa mais língua de origem.

Também há quatro etapas que o bilinguismo segue para o monolingüismo, sendo este o do português. Etapa 1: o português é aprendido através da língua nativa dos estrangeiros, com uso restrito a alguns domínios em que a língua nativa não pode ser utilizada; etapa 2: os imigrantes começam a usar ou a língua nativa ou o português entre eles mesmos e em vários domínios. Inicia-se o processo de integração; etapa 3: a língua nativa ou o português são usados

na maioria dos domínios; etapa 4: o português substitui a língua nativa em todos os domínios, exceção feita unicamente aos domínios mais locais e particulares, por exemplo, no convívio familiar dos estrangeiros. (TARALLO e ALKMIN, 1987, p.67).

Como tem se acentuado a expansão da imigração chinesa ao Brasil nas últimas décadas, a maioria dos imigrantes chineses em São Paulo é da primeira ou segunda geração, isso significa que a língua dominante em sua vida ainda é a língua chinesa, no entanto a língua deles está na transição de bilinguismo para monolingüismo.

Para o estudo da língua portuguesa falada pelos chineses em São Paulo, procedi ao trabalho de campo de recolher, via inquéritos orais, entrevistas registradas em áudio. Recolhi um total de 17 entrevistas, 10 chinesas e 7 chineses. Oito estão na faixa de idade de 20 até 30 anos, 5 deles estão na faixa de 30 até 40 anos, e 4 entrevistados estão com a idade maior que 40 anos. O perfil desses imigrantes chineses é composto pelo seguinte: moram há pelo menos 3 anos na cidade; todos aprenderam a falar língua portuguesa no Brasil e receberam educação superior quer no Brasil ou na China.

Na análise da língua falada pelos imigrantes, focalizo nos marcadores discursivos, pois é objetivo precípua compreender se haveria uma correlação entre graus de fluência e uso desses marcadores. A metodologia é inspirada no trabalho de Macedo (2000), que analisou as variações dos marcadores na língua portuguesa produzida pelos integrantes das comunidades do Alto Xingu.

Para lidar com essas entrevistas, dividi os informantes por nível de produção linguística com base na Grade de Avaliação da Interação Face a Face do CELPE-BRAS (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros). Os critérios adotados nesse tipo de exame são: compreensão, fluência, adequação lexical, adequação gramatical e pronúncia. Esses critérios permitiram, dividir os entrevistados em 5 níveis, de nível 1 (baixa fluência) até o nível 5 (alta fluência). Entre os entrevistados, atribuí nível 1 a uma informante com muitas limitações em se expressar na língua portuguesa, nível 2 a duas entrevistadas e duas no nível 5. A correlação observada foi ditada pela seguinte proporção: quanto menos fluente o falante, menor o contato com a comunidade.

Através das análises das gravações, notamos que todos os informantes, desde os níveis menos fluentes, o marcador mais nitidamente internacional *né*, de função tão necessária a alguém com pouca fluência, que é de assegurar o falante de que o interlocutor o está compreendendo e acompanhando o desenvolvimento do raciocínio. Esse fato pode ser ilustrado pela entrevista de nível 1:

Porque isso não é faculdade, não é Zhuanye (especialização), né? Nenhuma entrada de sumário foi encontrada.

Nota-se o emprego da partícula *né* depois de uma palavra chinesa que evidencia, aliás, que essa informante não sabe o termo correspondente em português. Num outro caso semelhante, esse mesmo padrão de comportamento se manifestou. Esse preenchimento discursivo revela-se presente na língua de contato desde muito cedo, que é tão logo os falantes saiam da fase de palavras isoladas ou de frases muito curtas e comecem a usar um discurso mais longo, com narrativas, descrições e argumentações mais fluentes.

Os marcadores são interessantes, pois mostram um comportamento distinto. Sua diversidade de uso também revela a existência de funções diferenciais, o que equivale a dizer que os falantes com mais proficiência usam mais marcadores com função de organizar ou articular o texto, mas não somente. Eles também são empregados para reformular ou até codificar traços ligados de polidez. Já os falantes com baixa fluência diversificam menos e, quando empregam o marcador mais básico (*nés*), o fazem para monitorar, via interação, a compreensão do interlocutor.

Índice de autores

Alan Norman Baxter, 4, 39
Ana Livia dos Santos Agostinho, 4, 40
Ana Maria Carvalho, 2, 11
Beatriz Protti Christino, 3
Bi Meng Yin, 3, 46
Edenize Ponzo Peres, 3, 24
Eduardo Ferreira dos Santos, 4, 40
Gabriel Antunes de Araujo, 2
Julia Isabelle da Silva, 3, 43
Katuscia Sartori Silva Cominotti, 3, 18
Manuele Bandeira de Menezes, 4, 29
Márcia Santos Duarte de Oliveira, 2
Maria de Lurdes Zanoli, 4, 34
Moana de Lima e Silva, 4, 40
Natali Gomes de Almeida Santana, 4, 39
Nélia Alexandre, 4
Poliana Claudiano Calazans, 3, 9
Pollyanna Pereira de Castro, 4, 14
Sabine Gorovitz, 2, 21
Sarah Loriato, 3, 24
Shirley Freitas, 4, 29
Sílvia Ângela Pícoli Meneghel, 3, 27
Suzana Vinicia Mancilla Barreda, 2, 6
Walkíria Praça, 2
Wânia Miranda, 4, 34